

TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS: CONSTRUÇÃO DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL¹

Priscila Regina de Melo Gonçalves Giamlourenço²

Carla Ariela Rios Vilaronga³

Resumo: A inclusão de surdos que fazem uso da Libras no Brasil é viabilizada, principalmente, pela tradução e interpretação. A presente pesquisa teve como objetivo investigar a construção da formação profissional do tradutor e intérprete de Libras por meio de um estudo qualitativo com entrevista semiestruturada. As análises permitiram compreender que a formação pode ser construída de maneira multideterminada e plural. A participação do tradutor e intérprete de Libras na comunidade surda, o intercâmbio linguístico com surdos que fazem uso da Libras em diferentes contextos de uso da língua, bem como a partilha estabelecida com pares e profissionais mais experientes, viabilizam o desenvolvimento profissional. Ademais, o conhecimento elaborado e o processo de refletir sobre a prática também viabilizam esse desenvolvimento que se constrói na formação comunitária, na formação sistematizada e na formação em serviço. Pela investigação, compreende-se que a reflexão crítica da tradução e interpretação é determinada pelos processos formativos que também determinam essa reflexão na construção da formação profissional. O estudo não esgotou a necessidade de investigar essa profissão em recente reconhecimento legal e social.

Palavras-chave: Tradutor e Intérprete de Libras. Formação profissional. Inclusão de Surdos. Educação. Tradução.

Abstract: The inclusion of deaf people that use Libras – Brazilian sign language is possible mainly by the translation and interpretation. This research aimed to investigate the construction of the professional training of the translator and interpreter of Libras through a qualitative study by a semistructured interview. The analyses allowed to contemplate that the training can be constructed and determined by different and plural ways. The participation of translator and interpreter of Libras in the deaf community, the linguistic exchange with deaf people that use Libras in different language use contexts, as also the sharing with others translator and interpreters and professionals with more experiences could provide professional development. The elaborated knowledge and the process of reflecting on practice also enable this development that are built on community training, systematic training and in service training. Through the research it is understandable that the critical reflection about translation and interpretation is determined by the formative processes that also determine this reflection on professional training construction. This study has not finish the need to investigate this profession that is recently legal and social recognized.

Keywords Translator and interpreter of Brazilian sign language; Professional training; Deaf people inclusion. Education. Translation.

¹ Agência de fomento: CAPES.

² Possui Mestrado em Educação Especial pelo Programa de Pós Graduação em Educação Especial PPGEs UFSCar, e atualmente, é aluna de Doutorado nesse mesmo programa, PPGEs, UFSCar.

³ Doutorada pelo Programa de pós em Educação Especial pela UFSCar em 2015, durante o doutoramento realizou estágio doutoral na Universidad de Alcalá- Alcalá de Henares- Madrid- Espanha. De 2009 até 2015 trabalhou como pedagoga no Curso de Licenciatura em Educação Especial na Universidade Federal de São Carlos- UFSCar. Desde dezembro de 2015 é docente no Instituto Federal de São Paulo, Campus São Carlos.

INTRODUÇÃO

Falar sobre tradução e interpretação não é uma tarefa simples, dada a existência de diferentes conceituações e dos diferentes sentidos que podem ser atribuídos aos termos. Compreende-se aqui, “os processos de traduzir e interpretar, como a produção de uma nova versão da intenção comunicativa em outra modalidade que não produzida inicialmente”.(GIAMLOURENÇO, 2018, p. 24). A tradução e interpretação, ao produzirem a comunicação humana em diferentes formas de expressão, têm como objetivo viabilizar o acesso à informação para um público que a ela poderia ficar alheio por diferenças linguísticas.

No campo da surdez, tradicionalmente, as bases formativas do tradutor e intérprete de Libras tiveram início a partir de experiências não formais do ponto de vista institucional, entretanto, ao longo da trajetória da profissão, propostas sistematizadas de formação passaram a ser evidenciadas, contribuindo para a profissionalização da categoria. Destaca-se que as lutas do movimento surdo transformam não apenas a realidade da comunidade surda, mas da atividade e do profissional. (ZOVICO; SILVA, 2013).

Ao se refletir sobre a gênese da profissão do tradutor e intérprete de Libras, visualiza-se o protagonismo da atuação inicialmente em contexto religioso (SILVA, 2011). Porém, de assistencial e voluntária, a representação sobre a atividade se modifica pela participação dos surdos em contextos que demandam atuação profissional (NASCIMENTO, 2012).

Martins e Nascimento (2015) apontam, num estudo em que apresentam a trajetória da atuação e constituição desse profissional nos últimos anos, que a formação inicialmente se constitui “pela e na atividade” (p. 102), todavia, emerge a constituição de um novo perfil do tradutor e intérprete de Libras, que perpassa pela formação em nível superior.

Um dos percussores de mudança foi a legislação que, a partir dos anos 2000 (BRASIL, 2002; 2005; 2010), impulsiona a área, sendo assim vivenciados avanços advindos da mobilidade social, histórica e política do campo da surdez, e o profissionalismo passa a ser marcado, principalmente, pelas previsões legais relacionadas a certificação de proficiência, formação profissional e atuação (BRASIL, 2005; QUADROS et al, 2009).

A configuração desse novo perfil de tradutor e intérprete de Libras ocorre num processo de construção da profissionalização da atividade que, decorrendo também das primeiras ações de formação profissional, como nos cursos livres e de extensão universitária (SANTOS, 2010), se amplia ganhando novos horizontes de qualificação e formação.

Conforme destaca Giamlourengo (2018), a inserção dos surdos em contextos plurais demanda qualificação profissional num processo de formação contínua para atuar diante da

dinâmica social e linguística que é inerente aos processos de inclusão do surdo. A qualificação desse profissional influencia o trabalho que desenvolve (SANTOS, 2010), e necessário se faz apropriar-se de um saber fazer a atividade a partir de técnicas e conhecimentos (RUSSO, 2009) que sustentem a atividade não apenas pela prática, mas por um subsídio conceitual (JORDÃO, 2013).

As ações de formação e as práticas formativas desse profissional se ampliam e, conforme apontam Almeida e Lodi (2014), além da formação contínua do profissional, da troca com profissionais mais experientes e com pares, o que viabiliza análise e construção de sentidos na interpretação, destaca-se a importância de uma relação teórico-prática, sendo que, para além dos aspectos teóricos e ensino da língua de sinais, é relevante a produção de sentidos e o conhecimento de linguagens constitutivas das línguas, Libras e português.

MÉTODO

Frente a uma profissão de formação sistemática institucional relativamente nova, este estudo teve como objetivo investigar o desenvolvimento e a construção da formação profissional do tradutor e intérprete de Libras, sendo feita uma aproximação teórica com subsídio conceitual da formação docente para a investigação.

O estudo foi realizado em uma cidade no interior do estado de São Paulo, onde diferentes ações são desenvolvidas no campo da surdez. Em uma proposta de pesquisa qualitativa, constituiu-se a coleta de dados realizada com base em roteiro de entrevista semiestruturada (MANZINI, 2012), em que participaram 3 tradutores e intérpretes de Libras indicados pela associação de surdos local. A pesquisa passou pelo Comitê de Ética da UFSCar, os sujeitos assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido e foram apresentados no estudo por meio de nomes fictícios: Alberto, Susi e André.

Alberto tem pós-graduação em Tradução e Interpretação Libras/português, Susi teve contato com a área em um curso de formação superior específica em Tradução e Interpretação Libras/português e André é filho de pais surdos, tendo um irmão e outros familiares na mesma condição.

A entrevista para a coleta de dados teve roteiro validado em estudo piloto, com base nos questionamentos iniciais: 1) Aprendizado da língua de sinais: o que levou a aprender a língua e a se formar enquanto intérprete; 2) Formação e Desenvolvimento: discussão sobre o que é considerado significativo; 3) Tipo/ Formato de formação inicial e continuada: diálogo sobre os processos formativos que teve e/ou tem oportunidade de vivenciar; 4) Desafios na formação e concepção sobre a formação necessária para a profissão.

Para os procedimentos de análise, foram organizados mapas conceituais com temas que contemplassem aspectos comuns entre as falas dos sujeitos, na busca de conteúdos e sentidos para os dados (LACERDA, 2003). Tais mapas levaram a três categorias principais de análise: formação comunitária, formação sistematizada e formação em serviço, que são apresentadas a seguir.

CONSTRUÇÃO DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL FORMAÇÃO COMUNITÁRIA

Com base nos dados da pesquisa, definiu-se formação comunitária como a modalidade que ocorre nos espaços e encontros informais de interação. Embora não tenha uma intencionalidade formativa em si, por ser informal e acontecer nas interações, carrega uma recursividade linguística e cultural que pode ser apropriada na espontaneidade das relações. Constatou-se que essa formação pode se efetivar pela participação na comunidade surda, pela interação com surdos que fazem uso da Libras em diferentes contextos de uso da língua e por meio da troca com pares e com profissionais mais experientes. Conforme se vê:

Meus pais frequentavam a comunidade surda na associação [...] Nisso de tanto frequentar a comunidade, de sempre estar com eles, realmente eu aprendi a língua (ANDRE, JULHO, 2017).

Participar da comunidade surda e mesmo interagir com surdos que fazem uso da Libras em diferentes contextos sociais está relacionado a ter condições diferenciadas de apropriação, percepção e produção da e na língua de sinais pela imersão linguística e cultural. E mesmo que isso ocorra de modo informal, pode favorecer de forma contínua a formação do profissional. Como destaca Susi,

Formação informal acontece quando você tá numa conversa com surdos[...] informalmente eu aprendo diferentes formas de dizer uma coisa que eu não conversava sobre isso em Libras, e isso te dá condições de ampliar as suas possibilidades de construção linguística. [...]E por isso aquela coisa de não parar, de não deixar adormecer o conhecimento. Sempre estar na conversa com outros intérpretes nas situações (SUSI, MAIO, 2017)

Esse intercâmbio é considerado um processo formativo, pois, além da autoavaliação, as variações sociais de uso da língua dão corpo a uma composição de saberes que se configura como subsídio à atuação profissional. Isso mostra que “o intérprete vem retirando do aprendizado da língua de sinais, pela convivência com pessoas surdas, elementos necessários e fundamentais à sua atuação” (MARTINS, 2009, p. 53).

Como visto na narrativa de Susi, a formação informal também ocorre por meio da interação com pares, e conforme Alberto, a troca com pares e profissionais mais experientes

[...]isso é um processo de formação também, as trocas entre quem tem mais experiência, quem tem menos em dados contextos. As experiências são relativas [...] isso é formação mesmo que não seja somente sinais, mesmo que seja uma conversa sobre tal assunto. [...] (ALBERTO, MAIO, 2017).

Trata-se da interposição profissional (NÓVOA, 2017), a qual ocorre quando, pela troca entre profissionais, há o protagonismo na formação dos pares, sendo, no caso da tradução e interpretação no campo da surdez, potencial para o repertório linguístico, discussão conceitual, reconhecimento de si a partir do outro e conhecimento da profissão e da cultura profissional.

Discorrendo sobre a constituição da identidade profissional na alteridade, Menezes (2014) destaca a importância dessa dimensão social e coletiva dos profissionais para a reflexão, a ação, formação, profissionalização e politização do intérprete.

Assim, as trocas de natureza informal, tanto com surdos quanto com pares e profissionais mais experientes, são formativas e geram impactos positivos no saber e no fazer profissional. As interações nos encontros informais, portanto, além de ampliar o conhecimento sobre a língua, podem favorecer a aprendizagem e apropriação de elementos significativos para a atuação e construção da formação profissional.

Os saberes e conhecimentos construídos na formação comunitária se ampliam pela reflexão e pela disposição profissional, e outras condições em relação à formação podem ser almejadas, por exemplo, a partir da formação sistematizada, uma modalidade que pode perpassar ou mesmo dar início à trajetória profissional.

FORMAÇÃO SISTEMATIZADA

A formação sistematizada, que pode ser inicial e continuada, corresponde nesse trabalho, à modalidade que ocorre sob processo intencional elaborado para a capacitação e formação profissional de tradutores e intérpretes de Libras, pela oferta de eventos e cursos em níveis distintos, como graduação, pós-graduação, cursos livres e oficinas.

Em relação aos eventos, a título de ilustração, destaca-se o Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa que confere amplitude à área e aos estudos que têm se evidenciado e estabelecido no país a partir da produção científica nesse campo do saber (RODRIGUES, 2013; RODRIGUES; BEER, 2015).

Essa modalidade de formação favorece a produção e reprodução de saberes, conhecimentos e normas relacionados à profissão e à cultura profissional (NÓVOA, 1999). Entende-se ser necessário apoio governamental para a formação desse profissional, que

precisa dispor-se para sua formação e capacitação a partir de experiências dessa natureza que favorecem a troca de experiências, conhecimento na área e aprendizado de novos sinais (JORDÃO, 2013).

E, em relação ao nível superior, destaca-se ainda que a “formação profissional de ILS⁴ e a consolidação no meio acadêmico contribuem significativamente para afirmar o espaço da tradução/interpretação de língua de sinais no ensino superior, e a partir desta medida, desdobramentos para outros contextos” (SANTOS, 2010, p. 160).

Essa modalidade se justifica, dada a importância de contemplar a participação da comunidade surda na sociedade em níveis distintos de complexidade (LACERDA, 2010). Pela intencionalidade formativa que lhe é inerente, dado o caráter teórico e técnico do processo tradutório, pressupõe-se que a formação sistematizada nesse nível possibilite outro patamar de qualificação e perfil profissional para atender as demandas da atuação. A inserção de Susi na área se deu a partir dessa experiência.

Era um curso tecnólogo de 2 anos [...]E aí sabe quando sua mente abre, coisas que você não via começa a ver, eu comecei a descobrir um outro mundo com a questão da surdez. Mas mesmo assim eu ainda não tinha percebido o nível, a complexidade que era essa questão dessa formação, da área que eu estava me inserindo (SUSI, MAIO, 2017).

A atividade do tradutor e intérprete de Libras é considerada de grande complexidade (PERLIN, 2006), pois, entre outros, “envolve línguas de modalidades diferentes, fator que aponta para a necessidade de uma formação específica que envolva abordagens linguísticas, enunciativas e discursivas, bem como cultural e tradutória de sua atuação” (NASCIMENTO, 2012, p. 59).

Para Alberto, a formação depende do momento em que se vive. A partir de seus saberes iniciais, ele atuava em contextos informais, mas diante de uma oportunidade no mercado de trabalho, teve a motivação para a busca da formação sistematizada específica. Nóvoa (2017) traz o conceito de disposição pessoal para discutir o envolvimento pessoal para o desenvolvimento de si na profissão, para ampliar as possibilidades, impulsionar a qualificação.

Comecei aprendendo a língua de sinais em 2009, acho que o primeiro processo de formação é quando começa aprender língua de sinais [...] Passei praticamente quatro anos ali estudando na associação, então eu repeti todos os cursos básicos,

⁴ Diferentes siglas podem se referir ao tradutor e intérprete de língua de sinais. A variação apresentada nesse estudo decorre das formas utilizadas pelos autores citados e que são mantidas conforme a produção original, como ILS – Intérprete de Língua de Sinais, TILSP – tradutor intérprete de Libras/Língua Portuguesa e intérprete.

intermediário e avançado [...] Na associação eu fazia mediação para os surdos e fazia aquela fala bem enxuta, e à medida que eu entrei numa sala de aula [...] comecei a sentir algumas dificuldades e ter algumas carências, e foi aí que eu fui buscar formação formal (ALBERTO, MAIO, 2017).

Como se vê, o uso e o conhecimento da língua de sinais diferem-se para quem assume a interação no dia a dia e para quem realiza a atividade enquanto profissional (JORDÃO, 2013), e é fundamental reconhecer a condição de ser ou estar limitado em relação ao domínio linguístico e ao fazer interpretar (RUSSO, 2009). Alberto, com base nesse reconhecimento, buscou aprofundamento, destacando que

Foi o que me trouxe o ensino formal da interpretação, foi na pós-graduação, e foi de lá, a partir de lá que eu comecei a entender qual que era o posicionamento que eu tinha que ter em algumas situações de sala de aula, em situações de interpretação em relação a algumas escolhas que eu fazia[...] (ALBERTO, MAIO, 2017).

Nas palavras de Gesser (2011), “é muito possível que não saibamos dos nossos deveres na profissão escolhida, mas é durante a formação acadêmica e o contato com profissionais da mesma área que saberemos se nos encaixamos no perfil e/ou exigências da profissão” (p. 12).

No país, após a legislação, cursos de graduação em tradução e interpretação Libras/língua portuguesa são ofertados desde 2008, e, no caso da pós-graduação, os cursos de especialização vêm ao encontro da necessidade de formação emergencial de tradutores e intérpretes de Libras e se configuram como espaço promissor de formação profissional, principalmente, sob perspectiva discursiva contemplando uma formação para atuação em diferentes esferas (NASCIMENTO, 2016).

A inserção no contexto acadêmico amplia a percepção sobre a profissão, suas atribuições e fornece subsídios para realizar o que Nascimento (2011) denomina de reflexão metalinguística sobre a prática que passa a ser embasada teoricamente. Trata-se, segundo Alberto, de um novo olhar sobre a profissão e a prática.

Aí depois então que eu comecei a fazer a pós-graduação eu comecei a olhar mais pra interpretação de uma forma mais complexa. Porque até então parecia ser fácil porque eu não sabia dos riscos que eu tava correndo (risos), aí depois que eu comecei a entender e vi que o negócio era bem mais complicado (ALBERTO, MAIO, 2017).

A formação sistematizada é potencial pelos aspectos já discutidos e também porque viabiliza o contato com professores e profissionais mais experientes, favorecendo que a interposição profissional aconteça nessa modalidade de formação profissional, sob o rigor técnico e científico dos cursos e eventos.

Um pouco antes da pós-graduação eu sai [...] pra fazer um curso [...] foi a primeira vez que eu vi duas intérpretes que atuavam em outros contextos que eu não conhecia, como o contexto de conferência. Foi aí [...] que eu comecei a entender algumas coisas que me inspiraram depois a aceitar o trabalho[...] depois de ter conhecido as meninas, eu comecei a fazer outras oficinas [...]Era ensino formal[...]oficinas pra melhorar a questão da língua de sinais, mas ainda tinha um olhar bem imaturo sobre o que era o processo de tradução até a pós graduação. Acho que a pós-graduação foi o que me ajudou muito (ALBERTO, MAIO, 2017).

O contexto de formação institucional específica do tradutor e intérprete de Libras pode favorecer a observação intencional do fazer profissional, e por meio de reflexão e análises, que neste contexto formativo podem ser discutidas numa experiência coletiva e intencionalmente organizada, ampliam-se a percepção crítica da profissão e a postura ativa e reflexiva sobre a atividade que exerce.

A construção da formação profissional, que diz respeito a um processo contínuo e plural, é assumida pela disposição pessoal e do perfil que se constitui. Para Susi, a formação depende de cada um, e ela percebe questões que a instigam a continuar sua formação.

Eu agora tô passando por um momento de formação mais formal, por conta de que o curso que eu fiz era tecnólogo e preciso de licenciatura, graduação mesmo pra além de ter o conhecimento, ter condições de estudar questões que me inquietam [...] (SUSI, MAIO, 2017).

Com base em Nóvoa (2017), compreende-se a necessidade de se preparar e se construir por meio de um posicionamento que amplia a formação, dado que o profissional atuará da forma como pensa, o que refletirá na sua ação. Assim, a atuação em níveis mais complexos pressupõe uma formação continuada em níveis e modalidades distintos, e isso precisa ser assumido pelo profissional, mesmo diante de limitações.

Hoje vejo desafios diferentes de conciliar a formação junto com a rotina de trabalho [...] nem sempre você consegue buscar a formação formal, porque outras formações elas vão estar sempre acontecendo, eu entendo. Mas aquela formal, de sentar em sala de aula e discutir nem sempre é possível, muitas vezes por conta do tempo[...]muitas vezes a condição financeira [...] E é um desafio formação formal porque no interior nem sempre a gente tem [...] cursos de formação com uma bagagem [...] que comporte com o nível das pessoas que tem essa necessidade de formação (ALBERTO, MAIO, 2017)

A oferta de cursos que contemplem o nível de desenvolvimento profissional do tradutor e intérprete de Libras precisa ser suprida, pois, de acordo com Jordão (2013), cursos de formação de curta duração e inconsistentes limitam a atuação. Considerando também a oferta restrita de cursos para algumas regiões do país e por se tratar da constituição de um corpo profissional, cabe aos idealizadores dos eventos e cursos na área ofertarem propostas de capacitação também por meio dos recursos midiáticos e na modalidade a distância.

As experiências vivenciadas no espaço formal da formação sistematizada têm a possibilidade de serem refletidas nas esferas em que os profissionais atuam, as quais, inclusive, podem também se constituir como contextos significativos de formação e desenvolvimento profissional, como se vê na modalidade da formação em serviço apresentada a seguir.

FORMAÇÃO EM SERVIÇO

Entende-se formação em serviço como a modalidade que ocorre no espaço de atuação profissional. Caracteriza-se pela possibilidade de vivenciar o processo de reflexão orientada e também compartilhada com profissionais em diferentes níveis de experiências e áreas. Compreende-se que essa modalidade pode ser praticada em diferentes contextos de atuação e profissão, contemplando sujeitos e situações específicas.

Para esta análise no campo da tradução e interpretação Libras/Língua Portuguesa, se faz menção à formação em serviço do tradutor e intérprete de Libras no contexto educacional, considerando que os sujeitos da pesquisa estavam inseridos nessa esfera na ocasião da entrevista.

De acordo com Mill e Silva (2012), a formação em exercício, o que neste estudo se denomina formação em serviço, se realiza concomitante à atuação e favorece aprimoramento, atualização e domínio do profissional. Essa modalidade formativa também é potencial para a construção de saberes e conhecimentos relacionados à área em que se atua por acontecer num contexto onde, além da possibilidade de partilha, a reflexão coexiste de forma orientada, e mesmo que assumida individualmente, além de sistemática, pode ser coparticipada (MILL; SILVA, 2012; NÓVOA, 2009, 2017).

Susi, ainda em período de realização do curso, começou a trabalhar num projeto bilíngue onde, junto à equipe de profissionais, teve a oportunidade de relacionar teoria e prática, e sua condição de formação foi ampliada em decorrência da assessoria que orientava o fazer profissional pela reflexão por meio da elaboração de relatório.

Isso era uma formação, a assessoria era, se não me engano, uma vez por mês, duas. Eram assessorias que a gente tinha necessidade de fazer relatório da nossa própria prática, da forma como a gente se sentia a vontade. Então a gente relatava as nossas experiências, mas nós escolhíamos o que era pertinente. (SUSI, MAIO, 2017).

Refletindo sobre práticas de interpretação no espaço educacional num programa inclusivo bilíngue, Santos, Diniz e Lacerda (2016), constaram o potencial formativo de atividades profissionais como a elaboração de relatórios.

[...] um dos deveres desses profissionais junto à assessoria consistia na elaboração de relatórios mensais, em que expunham acontecimentos em sala de aula, dificuldades em sua atuação, aspectos positivos e negativos de sua interpretação nas diferentes disciplinas, angústias, dúvidas, reflexões. Tratava-se de uma formação continuada que se mostrou bastante positiva, tanto para a assessoria, que pode acompanhar com maior proximidade os trabalhos realizados, como para os intérpretes que puderam refletir sobre sua prática (aspecto fundamental para uma atuação adequada), dialogar com as assessoras, discutir questões pertinentes sobre sua atuação (SANTOS, et al, 2016, p. 158).

Sob uma percepção crítica, a ocorrência da reflexão criteriosa e sistemática da formação em serviço pode apresentar resultados bastante significativos do ponto de vista de uma aprendizagem dialogada com profissionais mais experientes. A troca com os profissionais que atuam sob uma intencionalidade formativa favorece, além da dimensão da profissão, análises metalinguísticas e metacognitivas (ALMEIDA; LODI, 2014) .

A experiência de formação em serviço também é realidade na construção da formação profissional de André que, atuando também num contexto educacional bilíngue, vivencia a interposição profissional com profissionais surdos e ouvintes, professores e pares tradutores e intérpretes de Libras.

A gente participa de uma formação também [...] Isso eu vejo muito importante pra gente que é intérprete porque, querendo ou não, a gente acaba sabendo como lidar com as situações. [...] A gente explica a nossa situação do dia a dia, eles nos orientam [...] e aí a gente para pra pensar (ANDRÉ, JULHO, 2017).

A formação em serviço mostra-se relevante pela interposição profissional e pela composição de saberes que se constroem com bases no exercício profissional sob reflexão orientada e sistematizada. Por meio de diferentes ferramentas, como a elaboração de relatório e pesquisa, assumida para que as lacunas sejam preenchidas, a prática é problematizada e transformada em conhecimento que também a transforma.

De acordo com Machado e Feltes (2015), compreende-se que na tradução e interpretação Libras/Língua Portuguesa os aspectos linguísticos, culturais e as escolhas estão relacionados. Dessa forma é necessário que se reflita sobre a atividade, principalmente, diante do sentimento de não contemplar a demanda e de se perceber lacunas. “Nesse cenário, destaca-se a importância de os TILSP estarem em formação continuada, no intuito de aprimorar o ritmo processual cognitivo e contextuais, gerenciando as competências multifacetadas que estão implicadas em diferentes contextos de atuação” (MACHADO; FELTES, 2015, p. 247).

Compreende-se que o exercício de refletir sobre a prática instiga o profissional a investigar aspectos que ainda não são conhecidos ou dominados. Assim, do ponto de vista teórico e de análise do fazer profissional, a reflexão é constitutiva da formação e da profissão do tradutor e intérprete de Libras, e pode ser desenvolvida a partir de práticas como elaboração de relatório e discussões em grupo. Esse exercício permeia aspectos que influenciam a formação e desenvolvimento profissional, e ainda,

Qualquer pessoa, trabalhando ou não, pode saber se segue princípios éticos através da incorporação do hábito da reflexão. Quando pensamos sobre as nossas ações, temos mais consciências sobre nós mesmos, isto é, sobre nossas limitações, qualidades e fraquezas (GESSER, 2011, p. 13).

Nesse processo reflexivo, a prática do tradutor e intérprete de Libras é reelaborada teoricamente, podendo responder às inquietações que advêm da tradução e interpretação. A reflexão faz surgir novos modos de conceber a própria condição de formação na profissão, e isso não apenas numa dimensão de responsabilidade profissional, mas também social e pessoal.

Para Susi, que atualmente atua no contexto universitário, a formação pode ocorrer em seu ambiente de trabalho, num processo que se amplia pelos conteúdos que são estudados previamente e pela parceria com o professor da disciplina, experiência que considera relevante assim como no projeto bilíngue que fez parte no início de sua carreira profissional.

Eu estou interpretando a disciplina de um professor de linguística e como eu interpretei no primeiro semestre e fui estudando com o professor, é uma relação, aquela prática que eu tinha na escola no ensino fundamental, a formação com as professoras do projeto, aquela importância de você criar um vínculo, coleguismo com o professor que aí isso melhora a qualidade tanto da interpretação quanto da compreensão desse aluno para o que tá sendo dito [...]

E fora a liberdade na sala de aula. Então essa formação continuada se estende também pra sala de aula porque às vezes eles citam exemplo que eu: uhm e agora, aí eu paro, ele me explica e aí eu interpreto para o aluno ou, como ele sabe libras, às vezes eu paro, o aluno faz pergunta aí ele explica em Libras também. Tem esse tempo, tem esse feeling que aí depende de cada professor, depende da proximidade e quão a vontade o professor se sente com o intérprete (SUSI, MAIO, 2017).

Destaca-se que a parceria com o professor, além de melhorar a qualidade da interpretação, reflete-se na compreensão do aluno. Na troca com o professor sobre o conteúdo, existe a possibilidade de ampliação de vocabulário e de aprendizado, sendo um processo formativo contínuo que, certamente, contribui para o desenvolvimento profissional. O contexto escolar demanda aspectos específicos, e, de acordo com Santos e Lacerda (2015),

Com relação ao trabalho em sala de aula, ressalta-se que este envolve linguagem, escolhas por parte do IE, reflexão, relações sociais com diferentes sujeitos, e participação no processo de ensino e aprendizagem. Para além da tarefa de transposição de uma língua à outra, a atuação do IE abarca a construção de enunciados e sentidos presentes na mensagem enunciada pelo(s) muito(s) outro(s),

respeitando-se os conteúdos e gêneros discursivos em questão, além de abranger diversas áreas de conhecimento (SANTOS; LACERDA, 2015, p. 512).

Nesse contexto, dada a multiplicidade de aspectos relacionados ao processo de ensino e aprendizagem no qual o tradutor e intérprete de Libras atua, é fundamental a “compreensão de enunciados, discussão de temas, aquisição de vocabulário e de conceitos, atividades de leitura e escrita, exercícios de fixação, explicação de fórmulas e resolução de problemas, revisão de conteúdo, correção, tira-dúvidas etc.” (GESSER, 2015, p. 540).

O trabalho nesse espaço não pode se concretizar de modo isolado, mas para a atuação do intérprete no contexto educacional é fundamental a parceria com o professor, uma vez que não atua apenas para a conversão de conteúdo, mas também para coautoria com o professor, realizando a interpretação de modo a atender o processo de ensino e aprendizagem a partir de reflexões que emergem dessa parceria e ampliam os aspectos metodológicos adotados no processo e as estratégias utilizadas na interpretação (SANTOS; LACERDA, 2015).

Assim, a própria relação necessária ao tradutor e intérprete de Libras que atua com o professor de sala de aula e demais agentes atuantes na escolaridade de alunos surdos pode ser compreendida como constitutiva da formação e desenvolvimento profissional.

Às vezes, primeiro eu consulto os colegas que trabalho, eles sabendo já ali a gente discute um pouco o que a gente pode fazer, o que a gente pode combinar. Porque tem uma intérprete que ela ficou o ano passado e teve essa matéria, esse conteúdo, então ela já passou um pouco pra mim o que podia estar me ajudando (ANDRE, JULHO, 2017).

A relação entre pares favorece as trocas linguísticas sobre os modos de dizer na língua, e a reflexão conjunta favorece os modos de delinear ações de inclusão de surdos, o que se mostra fundamental e necessário à profissão, aos contextos e sujeitos com quem e para quem se atua, além do próprio desenvolvimento do tradutor e intérprete de Libras.

É nesse sentido que o espaço de atuação é também de formação, no qual é possível a reflexão sobre a postura profissional, sobre a prática e suas implicações. Essa relação reflexão-prática-atuação confere qualidade à tradução e interpretação pelos saberes que são construídos nas trocas com diferentes profissionais e pela compreensão de aspectos relacionados.

Desse modo, além da possibilidade de ser orientada por profissionais mais experientes, a formação em serviço também pode ocorrer pela interposição profissional entre pares, o que acontece no espaço de atuação a partir de necessidades específicas ou situações que impulsionam uma reflexão conjunta do corpo profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das narrativas dos sujeitos, inferiu-se que a percepção crítica sobre a tradução, interpretação e sua dimensão impulsiona o posicionamento do tradutor e intérprete de Libras em relação à construção de sua formação profissional. A formação contínua é característica da postura profissional que busca a transformação da prática e leva o profissional, pela reflexão e pela ação, a buscar novos saberes em prol de um fazer mais crítico e consciente.

Uma transição da visão e atuação assistencial para uma visão e atuação profissional gera uma mudança na concepção da atividade do tradutor e intérprete de Libras, e, independentemente do modo como se inicia a trajetória formativa, sua relação com sua atuação propriamente dita, caracteriza-se cada vez mais pela ótica de exercer a profissão em níveis de desenvolvimento que confirmem uma identidade profissional nessa área em expansão, com o intuito de progredir e aprimorar-se para acompanhar os avanços desse campo.

As lacunas das experiências formativas informais, embora sejam potenciais, podem ser preenchidas na possibilidade de ressignificação da prática pelos saberes sistematizados nas instâncias formais de eventos na área e cursos específicos, os quais, pela intencionalidade formativa, têm condições de favorecer a construção de conhecimentos mais organizados e a consolidação de saberes elaborados.

A formação comunitária, que favorece proximidade às questões da surdez e também viabiliza contato com a diversidade social de uso da língua de sinais, precisa ser considerada nas ações de formação sistematizada a partir de programas no currículo ou mesmo extracurriculares. O conhecimento adquirido à luz da prática e na informalidade configura-se como um importante repertório a ser mobilizado e organizado, e as experiências múltiplas na interface com o rigor científico podem ser ressignificadas e embasadas por um construto teórico da formação profissional.

Toda essa dimensão de desenvolvimento e construção da formação profissional pode ser ampliada na formação em serviço. Essa modalidade formativa, quando na possibilidade de orientação por profissionais mais experientes no campo da tradução e interpretação e também da surdez, pode ser planejada de modo a garantir o exercício da reflexão sistemática individual ou em pares do tradutor e intérprete de Libras acerca da realidade em que atua, como nos casos dos participantes.

Sem esgotar a necessidade de investigar a profissão e a área, destaca-se que o desenvolvimento e a construção da formação profissional do tradutor e intérprete de Libras

precisam ser mais discutidos e aprofundados, dado que a formação pode ser multideterminada e plural. Reconheceu-se que não é possível concluir o tema com este estudo, todavia, as ponderações aqui tecidas podem ser elementos norteadores de novas investigações e reflexões acerca da temática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, E. B; LODI, A. C. B. Formação de intérpretes de libras – língua portuguesa: reflexões a partir de uma prática formativa. In: ALBRES, N.A.; NEVES, S.L.G. (Org.) **Libras em estudo: formação de profissionais**. São Paulo: FENEIS, 2014. 157 p.

BRASIL. **Lei 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais– Libras e dá outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm> Acesso em: 08 out. 2015.

_____. Decreto nº 5.626. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**: Brasília, 2005.

_____. **Lei 12.319** de 1 de setembro de 2010, que regulamenta a profissão de Tradutor Intérprete de Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm> Acesso em: 08 out. 2015.

GESSER, A. **Tradução e Interpretação da Libras II**. Florianópolis, 2011. Texto base do curso de bacharelado em letras/Libras: Universidade de Santa Catarina. Florianópolis, 2011. Disponível em http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificada/traducaoEInterpretacaoDaLinguagemDeSinais/assets/767/Texto_base_TIL_II_2008.pdf Acesso em: 31 out. 2019.

_____. Interpretar ensinando e ensinar interpretando: posições assumidas no ato interpretativo em contexto de inclusão para surdos. **Cadernos de Tradução**, v. 35, n. 2, p. 78-112, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/21757968.2015v35nesp2p534/30724>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

GIAMLOURENÇO, P.R.G.M. Tradutor e Intérprete de Libras: Construção da formação profissional. 2018. 93f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Especial) – Programa de Pós Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

JORDÃO, U.V. **O que dizem os intérpretes de Libras do sudeste goiano sobre formação e atuação**. 2013. 86f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

LACERDA, C. B. F. **Pesquisa qualitativa em Educação: focalizando a entrevista como instrumento metodológico**. Relatório. São Carlos, 2003. Relatório apresentado à FAPESP na conclusão do Pós- Doutorado junto ao CNR-Roma/Itália.

_____. Tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos. **Cadernos de Educação**, v.36, p.133-153, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1604/1487>>. Acesso em: 02 fev. 2017

MACHADO, F. M A; FELTES, H. P, M. A interpretação simultânea no contexto político. **Cadernos de Tradução**, v. 35, n. 2, p. 78-112, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/21757968.2015v35nesp2p236>>. Acesso em: 15 fev. 2017

MANZINI, E. J. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. **Revista Percurso**, v. 4, n. 2, p. 149-171, 2012.

MARTINS, D. A. **Trajetórias de formação e condição de trabalho do intérprete de libras em instituições de educação superior**. 2009. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica, Campinas.

MARTINS, V. O; NASCIMENTO, V. Da formação comunitária à formação universitária (e vice e versa): novo perfil dos tradutores e intérpretes de língua de sinais no contexto brasileiro. **Cadernos de Tradução**, v. 35, n. 2, p. 78-112, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p78>>. Acesso em: 19 set. 2017.

MENEZES, A. M. C. **Diálogos com tradutores-intérpretes de língua de sinais**. 2014. 219f. Tese (Doutorado em Educação Especial). Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

MILL, D.; SILVA., A. R. Formação de Professores em serviço/exercício pela modalidade de educação a distância: sobre aproximação teoria-prática ou sobre flexibilidade pedagógica e espaço temporal. In: REALI, A M.M.R; MIZUKAMI, M. G, N. **Desenvolvimento profissional da docência teorias e práticas**. São Carlos: EDUFSCar, 2012. 351p

NASCIMENTO, M. V. B. **Interpretação da língua brasileira de sinais a partir do gênero jornalístico televisivo**: elementos verbo-visuais na produção de sentidos. 2011. 143f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

NASCIMENTO, M. V. B. Tradutor intérprete de libras/português: Formação política e política de formação. In: ALBRES, N.A; SANTIAGO, V. A. (Orgs.) **Libras em estudo**: tradução interpretação. São Paulo: FENEIS, 2012. 219 p.

_____. **Formação de Intérpretes de Libras e Língua Portuguesa**. 2016. 318f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

NÓVOA, A. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. **Educação e Pesquisa**, v.25, n.1, p.11-20, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v25n1/v25n1a02.pdf>> Acesso em: 10 mar. 2017.

_____. Desafios do Trabalho e Formação Docentes. 2017, 1h17min08s, sonoro, colorido. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sYizAm-j1rM>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

PERLIN, G. A cultura surda e os intérpretes de Língua de Sinais. **Educação Temática Digital**, v. 7, n. 2, p.135-146, 2006. Disponível em: <www.fae.unicamp.br/etd/viewissue.php?id=2>. Acesso em: 18 dez. 2009.

QUADROS, R. M. et al. **Exame Prolibras**. Florianópolis, 2009. 85p.

RODRIGUES, C. H. **A interpretação para a Língua de Sinais Brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais**. 2013. 255f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

_____.; BEER, H. Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: Novo campo disciplinar emergente? **Cadernos da Tradução**, v.35, n.2, p.17-45, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/21757968.2015v35nesp2p17/30707>>. Acesso em: 19 mai. 2017.

RUSSO, A. **Intérprete de língua brasileira de sinais: uma posição discursiva em construção**. 2009. 130f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SANTOS, L. F.; DINIZ, S. L. L. M; LACERDA, C. B. F. Práticas de interpretação no espaço educacional: para além dos limites da sala de aula. In: LACERDA, C. B. F; SANTOS, L. F; MARTINS, V. R. O. (Orgs.) **Escola e Diferença caminhos para a educação bilíngue de surdos**. São Carlos: EdUFSCar, 2016.

_____.; LACERDA, C. B. F. Atuação do intérprete educacional: parceria com professores e autoria. **Cadernos de Tradução**, v. 35, n. 2, p. 78-112, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/21757968.2015v35nesp2p505>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

SANTOS, S. A. Tradução e interpretação de língua de sinais: deslocamentos nos processos de formação. **Cadernos de Tradução**, v. 2, n. 26, p. 145-164, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2010v2n26p145>>. Acesso em: 30 out. 2017.

SILVA, C. A. A. **Entre a deficiência e a cultura: Análise etnográfica de atividades missionárias com surdos**. 2011. 227f. Tese (Doutorado em Ciência Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

TANCREDI, R. M. S. P. **Aprendizagem da docência e profissionalização**: elementos de uma reflexão. São Carlos: EDUFSCar, 2009. 62p.

ZOVICO, N. A; SILVA, C. A. A. Acessibilidade a serviços públicos: direito de igualdade. In: ALBRES, N.A.; NEVES, S.L.G. (Orgs.) **Libras em estudo**: política linguística. São Paulo: FENEIS, 2013. 169p.